



## DESIGUALDADE

# IBGE: três em cada 10 casas não têm esgoto

Percentual de domicílios com saneamento cresceu, mas ainda é baixo. Aumento foi de apenas 1,8% em 2023, segundo pesquisa

» VITÓRIA TORRES\*

Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad-Contínua), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), divulgados ontem, revelam avanços nas condições de vida no Brasil, com destaque para o aumento ao saneamento e mudanças no perfil racial e familiar da população.

Segundo o estudo, o acesso à rede de esgoto teve um crescimento em 2023: 69,9% dos domicílios estavam conectados à rede geral de esgoto ou a sistemas de fossa séptica ligados à rede, uma melhoria de 1,8 ponto percentual em relação a 2019, quando o número era de 68,1%. O IBGE apontou que esse aumento está relacionado aos investimentos em infraestrutura e à implementação de políticas públicas no setor de saneamento, especialmente após a aprovação do novo marco legal do saneamento básico em 2020.

Apesar do avanço, as desigualdades regionais permanecem. Enquanto nas áreas urbanas 93,4% dos domicílios têm acesso à rede geral de abastecimento de água, nas zonas rurais, esse número é baixo, com apenas 32,3% da população tendo a infraestrutura adequada. A região Norte é a com menor índice de acesso, apenas 60,4% dos domicílios com esse serviço. No Sudeste, o percentual chega a 91,8%.

A pesquisa também destaca o sucesso de políticas públicas implementadas na região

Nordeste, onde estados como Sergipe e Bahia conseguiram superar a marca de 50% de domicílios rurais com acesso à água por rede geral.

“Historicamente, o percentual de domicílios rurais na região Nordeste com abastecimento de água por rede geral tem sido maior que o restante do Brasil. Em estados como Sergipe e Bahia, essa proporção é superior a 50%. Esses percentuais evidenciam os resultados de combate à seca na região, políticas essas que levam anos para surtir efeito”, explicou Willian Kratochwill, analista da Pnad-Contínua.

### Perfil racial

Outro destaque da pesquisa foi a mudança no perfil racial da população brasileira. A proporção de pessoas que se identificam como brancas caiu de 46,3% para 42,4% entre 2012 e 2023, enquanto o número das que se declararam pretas aumentou de 7,4% para 10,6% no mesmo período. O aumento na identidade racial preta, segundo Kratochwill, reflete um processo de maior conscientização racial e um maior reconhecimento da miscigenação característica da sociedade brasileira.

“As pessoas estão cada vez mais se identificando como pardas e pretas, assumindo mais essa questão da raça, acho que esse é um dos fatores para esse aumento”, afirmou o pesquisador do IBGE. “Agora, um outro fator responsável por esse aumento é o fato de a população brasileira ser altamente miscigenada; a

### Novo retrato dos lares

Dados revelam perfis das casas brasileiras

#### VEJA DESTAQUES DO ESTUDO:

#### Domicílios com acesso à rede geral de esgoto

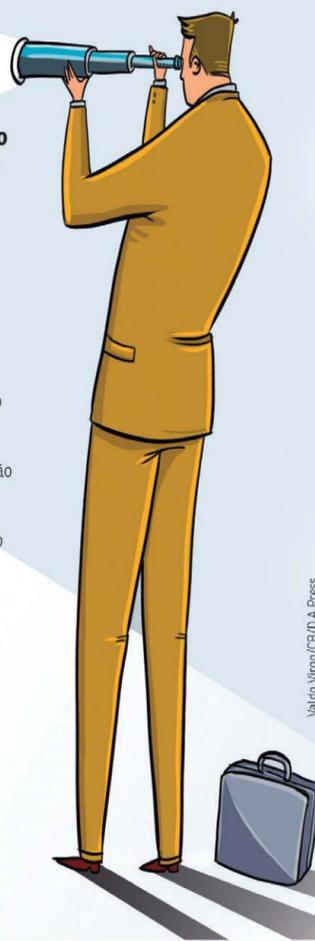
- Em 2019, 68,1%;
- Em 2023, 69,9%;

#### População brasileira que se autodeclara preta ou parda

- Em 2012, 7,4% da população se autodeclararam preta ou parda;
- Em 2023, 10,6% da população se autodeclararam preta ou parda;
- A participação da população declarada branca caiu em todas as regiões do Brasil, de 2012 a 2023;

#### Pessoas morando sozinhas

- Em 2023, 18% do total de domicílios;
- Em 2012, 12,2% do total de domicílios;
- Em 2023, 45,1% das pessoas que moravam sozinhas eram mulheres e 54,9% homens.



Valdo Virgo/CBDA Press

Fonte: IBGE



**O percentual de domicílios rurais na região Nordeste com abastecimento de água por rede geral tem sido maior que o restante do Brasil. Em estados como Sergipe e Bahia, essa proporção é superior a 50%. Esses percentuais evidenciam os resultados de combate à seca na região”**

**Willian Kratochwill,**  
analista da Pnad-Contínua

tendência é termos cada vez mais mistura mesmo”, completou.

A porcentagem de pessoas que se identificam como pardas permaneceu praticamente estável, passando de 45,6% para 45,9%. As diferenças regionais são significativas. No Norte, 69,1% da população se considera preta, enquanto no Sul, a maioria se declara branca (71,3%).

A Região Nordeste é a que tem a maior proporção de pessoas pretas (12,9%), contrastando com o Sul, onde apenas 5,7% se identificam como negras. A

pesquisa indica também que as populações mais jovens estão, cada vez mais, se identificando como pretas e pardas.

Segundo a Pnad, aumentou o número de domicílios unipessoais, ou seja, compostos por uma única pessoa. Em 2023, 18% das unidades domiciliares no Brasil eram formadas por apenas um morador, sendo um crescimento em comparação com 2012, quando esse percentual era de 12,2%.

Esse aumento pode ser atribuído a mudanças sociais, como a independência financeira, a busca por mais privacidade e a mudança nos modelos tradicionais de famílias. Entre os indivíduos que vivem sozinhos, a maioria se encontra na faixa etária dos 30 aos 59 anos, com destaque para os homens, que representam 56,4% dos domicílios unipessoais nesse grupo etário.

Entre as mulheres, a maior parte dos moradores unipessoais está na faixa etária de 60 anos ou mais (55,0%). No Brasil, elas representam 45,1% das pessoas que moram sozinhas, enquanto os homens correspondem a 54,9%.

Esse fenômeno também varia de acordo com a região. No Sul, as mulheres estão presentes em quase metade dos arranjos unipessoais (48,2%), enquanto na Região Norte essa porcentagem é de 35,5%, indicando que o fenômeno da vida solo ainda é mais forte em algumas regiões do que em outras.

\*Estagiária sob a supervisão de Luana Patriolino

## » Podcast do Correio | RENATO DE AZEVEDO | ESCRITOR

### Histórias de um brasileiro em outro país

» EDUARDA ESPOSITO

Autor do livro *Estórias de expatriando*, o escritor Renato Gerundio de Azevedo colocou no papel suas memórias e seus aprendizados no processo de morar e trabalhar em outro país. A trajetória dele no Banco do Brasil, que começou como office boy até chegar a diretor-geral de operações em mais de 20 anos na instituição, inspira brasileiros que sonham com a vida no exterior. Renato foi o convidado da edição 160 do PodCast do **Correio** e falou sobre o lançamento da obra, experiências profissionais e mudanças na carreira.

#### Como foi o início da sua trajetória profissional?

Um dia meu pai chegou e falou: “Renato, você quer trabalhar no Banco do Brasil?”. Eu, com 14 anos, não sabia nem o que era Banco do Brasil, só sabia o que era futebol, skate, bola. Ele falou que eu trabalharia de 14h a 18h e não ia prejudicar a escola. Então, eu aceitei e fui lá fazer um exame no Edifício Morro Vermelho. Foi aprovado. Na época, era o Máscara Negra, aquele prédio do Banco do Brasil emblemático no Setor Bancário Sul, em

Brasília, onde comecei como office boy na contabilidade-geral. Basicamente, era atender telefone, comprar lanche, tirar cópia, essas coisas. Eu fui crescendo no trabalho e houve uma seleção interna para carreira administrativa — que eu passei aos 17 anos.

#### E a carreira internacional?

Me mandaram para um programa que precisava de gente nova e sem vícios e acabei sendo pioneiro do Proex, que sucedeu o Finex. Esse era o programa de financiamento das exportações. Nessa época, houve uma seleção grande e disputada para a área internacional, 28 mil candidatos e fizemos exames de estatística, comércio exterior, técnicas bancárias, português e outros. O banco treinou ao final 650 candidatos com uma pós-graduação em finanças por um ano e houve uma nova seleção para a área internacional e 24 destes passaram. Assim, me tornei estagiário de comércio exterior no Panamá, que era uma praça importante do BR.

#### E depois?

Eu fiz um treinamento na Universidade do Texas, depois na Bolsa de Valores de Chicago e

Reprodução/CB



**Primeiro, eu morei em La Paz, nos Andes, 3.600 metros de altura, ar rarefeito, não tem árvores nem inseto, nem oxigênio. Então, eu tive muita dificuldade física em me adaptar”**

fiquei três meses em uma dependência externa. Como fui bem sucedido, assumi em 2000 a diretoria adjunta do banco na Bolívia. Fiquei até 2006. Quando voltei para Brasília, trabalhei com um projeto, que é a parte mais difícil de finanças, na área de construção e planejamento de plataformas de petróleo. Me habilitei para assumir uma unidade em Dubai e fiquei lá três anos.

Então, segui para Portugal para ser o diretor-geral do banco. Normalmente, a expatriação ocorria por cinco anos, naquela época a cultura era ir uma vez, e duas era difícil, mas fui para a Bolívia, e fiquei até me aposentar.

#### Como foi trabalhar na Bolívia?

Primeiro, eu morei em La Paz, nos Andes, 3.600 metros de altura, ar rarefeito, não tem árvores



Aponte a câmera do celular e acesse a entrevista completa

nem inseto, nem oxigênio. Então, eu tive muita dificuldade física em me adaptar. A minha esposa corria e foi mais fácil, mas os nossos filhos, sempre que a gente voltava um deles ia para o hospital. Então, o ambiente climático da cidade é bastante hostil.

#### Como era o povo boliviano em comparação com o brasileiro?

Com relação ao povo, eu amo o boliviano e cada vez que ando lá, amo cada vez mais. A experiência foi boa, mas vi coisas surreais. A Bolívia é um país com um passado muito turbulento e quando estive lá houve uma guerra entre o exército e a polícia por 15 dias. O mercado estava fechado, os clientes não tinham dinheiro. A gente precisava dar dinheiro porque nem os caixas eletrônicos funcionavam.

## VIOLÊNCIA

### OAB-SP critica gestão de SP na segurança

Criada em agosto, em meio aos episódios de violência policial na gestão Tarcísio de Freitas (Republicanos), a comissão de Segurança Pública da seccional da Ordem dos Advogados do Brasil em São Paulo (OAB-SP) publicou, ontem, o primeiro relatório com recomendações ao governador do estado.

O documento faz críticas nominadas ao político e ao secretário de Segurança Pública, Guilherme Derrite, pelas mudanças no programa de câmeras corporais e por “ações mal planejadas de larga escala e alto risco”, como as Operações Escudo e Verão, na Baixada Santista.

As recomendações da OAB-SP são: uso de câmeras corporais com gravação contínua e armazenamento das imagens por até um ano; revisão dos protocolos para uso da força policial; criação de mecanismos de apoio e de proteção a vítimas de violência policial; fortalecimento da Ouvidoria das Polícias de São Paulo; investimento nos órgãos de fiscalização e controle interno da atividade policial, como as corregedorias da Polícia Militar e da Polícia Civil; e aproximação com o Ministério Público. (Agência Estado)